



E Exit





VIAGENS

Uma ilha coroada de encanto

O Príncipe recebe cada vez mais turistas, mas permanece praticamente virgem

Texto e fotos **Margarida Vaqueiro Lopes**

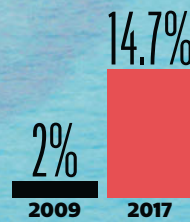
Talvez não seja óbvio como destino de férias, mas tem captado cada vez mais a atenção de portugueses e estrangeiros. O Príncipe, a segunda maior ilha do arquipélago de São Tomé e Príncipe, tem atualmente cerca de 7 mil habitantes para uma área de 136 km², o que a torna um incrível reduto natural. As ofertas hoteleiras têm acompanhado a procura, com o grupo Here Be Dragons (HBD) a ser o que mais aposta na ilha, ao estreitar, em 2018, a sua terceira unidade: o exclusivo Sundy Praia Lodge, que representou um investimento de dez milhões de euros e que está totalmente escondido pela frondosa floresta onde tenta integrar-se com o menor impacto ambiental possível.

Mark Shuttleworth – o sul-africano que se tornou milionário quando a VeriSign comprou a sua Thawte Consulting e que saltou para as manchetes ao protagonizar a segunda viagem turística ao Espaço – é um dos grandes responsáveis pela nova vida do Príncipe. O CEO da HBD apaixonou-se pela ilha no início dos anos 2000, quando a visitou, e em 2013 o *Financial Times* escrevia, citando fontes próximas do empresário, que o investimento estimado de Shuttleworth no Príncipe já superara os 135 milhões de euros. Cinco anos depois, o grupo HBD já recuperou a roça Sundy – que transformou num boutique hotel que vai continuar a expandir-se em 2019, abriu o Sundy Praia Lodge, investe no Príncipe Trust, que se dedica a preservar a biosfera da ilha, reabriu a roça Paciência e continua a contratar. Além de ter garantido também a concessão de várias praias da ilha, para impedir que cadeias hoteleiras as encham de turistas e prejudiquem a fauna e a flora. Tudo isto deverá ter acrescentado vários milhões de euros ao valor revelado pela publicação britânica. Apesar de não ter sido possível confirmar o montante do investimento total – Shuttleworth é avesso

10%

Empregados

O grupo HBD emprega praticamente 10% da população do Príncipe, que, segundo dados oficiais, tem cerca de 7 mil habitantes



TURISMO

peso no PIB

Miriam Daio, diretora-geral do Turismo e Hotelaria de STP, nota que o turismo pesou 14,7% no PIB do arquipélago, em 2017

€200 MILHÕES

Estimativa

Investimento calculado de Mark Shuttleworth na ilha, desde o início do milénio

à exposição pública –, os projetos falam por si.

Aqui é fácil perceber que o preço da insularidade se paga a vários níveis – não só no alojamento, mas no facto de haver pouca energia, de o acesso ao saneamento básico por parte das populações ser ainda um *work in progress*, e tudo o que parece essencial no nosso dia a dia europeu aqui é mais do que acessório. Das plantas saem detergentes para a roupa em tempos de maior escassez, composto para adubar a terra, remédios para as dores de cabeça, para o stress e até para as fases iniciais da malária – praticamente erradicada de todo o território há mais de cinco anos, da terra e do mar sai o sustento, diretamente para a mesa ou através da sua venda. O que falta em roupa e material escolar sobra em sorrisos, o que falta em serviços de saúde sobra em acolhimento. O Príncipe é terra de ilhéus felizes, e talvez por isso nos sintamos tão pequeninos quando os visitamos.

Após o aparecimento do Bom Bom, o primeiro resort de cinco estrelas desta região autónoma e também propriedade do grupo HBD, em 2001, o turismo foi crescendo paulatina e tranquilamente, e com o foco num segmento elevado, que ajuda a travar grandes invasões e a manter aquilo que é o seu principal atrativo: a Natureza praticamente intocada e as praias desertas. Em 2012, o Príncipe foi reconhecido pela UNESCO como Reserva da Biosfera, o que lhe granjeou visibilidade e aumentou a responsabilidade. Ali, em pleno golfo da Guiné, a ilha é a casa de cerca de 40 espécies endémicas e 59% da área total é parque natural, que se estende até ao mar. Daí que uma das atividades favoritas dos turistas – e potenciada por organizações não-governamentais e pelos próprios empresários – seja acompanhar a desova das tartarugas em praias protegidas ou a eclosão dos seus ovos, com as devidas explicações por parte de profissionais



Exit

locais que trabalham em estreita colaboração com instituições como a Associação da Tartaruga Marinha. “Troque para a luz vermelha, por favor”, atira o nosso guia em voz baixa, quando chegamos ao extenso areal da Praia Grande. A viagem desde o Sundy Praia Lodge, onde nos recomendaram que não perdêssemos este programa noturno, demorou cerca de uma hora. Não porque seja particularmente longe, mas porque a ausência de estrada e de iluminação obriga a uma condução cuidadosa e lenta. Foram precisas outras duas horas até que uma das tartarugas que chegou nessa noite à Praia Grande decidisse desovar. Hualton Carvalho, o responsável pelas equipas de proteção e acompanhamento de tartarugas marinhas, conta-nos como o trabalho entre populações, empresas e ONG permitiu travar o desaparecimento das espécies mais vistas no Príncipe: as tartarugas ambulância, ambo ou mão branca e caco ou sada. Estes programas turísticos permitem aos ilhéus perceber que é mais rentável ter tartarugas vivas – os turistas pagam para as observar – do que mortas, para venda de carne. A experiência é um verdadeiro regresso às origens: aqui não há luz elétrica e os únicos sons são o barulho das ondas, das pinças dos milhares de caranguejos que passeiam durante a noite, das barbatanas das tartarugas a fazer o ninho e o clique das lanternas de luz vermelha que, de vez em quando, se acendem para ver como está o progresso da desova.

RECUPERAÇÃO DE ROÇAS

Chegam ao Príncipe, todos os dias, entre 30 e 60 pessoas – e outras tantas abandonam a ilha. São os números possíveis nos dois voos internos que ligam Santo António, a capital, a São Tomé, na ilha principal. A aterragem e a descolagem são momentos altos, acompanhados pelos olhares curiosos dos principenses, maioritariamente sustentados pelo turismo. Há, atualmente, cerca de oito lugares onde é possível ficar alojado na ilha: três residenciais dentro da pequena cidade, o exclusivo Bom Bom, num pequeno ilhéu desabitado, duas antigas roças de cacau e dois lodges à beira da praia. O preço vai aumentando à medida que nos afastamos da cidade, nos embrenhamos na Natureza e quase nos fundimos



A nova vida das roças

Na Roça Sundy (em cima) ainda se vê o “S” original marcado na entrada da casa principal. Os caminhos, por entre a vegetação, tentam impactar minimamente na natureza.

com ela. E precisamente quando começamos a sentir-nos incomodados por termos optado por unidades que cobram largas centenas de euros pelo alojamento, percebemos que podemos estar, afinal, a fazer a diferença. O grupo HBD é atualmente o responsável por mais de 600 postos de trabalho na ilha, quase 10% da população.

A roça Paciência, que tal como a maior parte das roças do país estava abandonada desde a descolonização, voltou a funcionar recentemente pela mão de Shuttleworth, que quer promover a sustentabilidade ambiental. A ideia, explicou durante a visita Lina Martins, uma das responsáveis do projeto, é conseguir que esta roça produza praticamente tudo o que é consumido pelas unidades hoteleiras do grupo: frutos, legumes, granolas, sabonetes, champôs, chocolates e óleos de massagem. Isto refletiu-se na criação de postos de trabalho, sobretudo para mulheres.



Nos últimos anos, têm-se multiplicado os projetos de sustentabilidade social na ilha



EXPLORANDO A ILHA

Apesar de pequena, a ilha do Príncipe tem muito para descobrir

> PARA DORMIR

As unidades de alojamento disponíveis contam-se pelos dedos. Para uma experiência de luxo, escolha o Sundy Praia Lodge ou o Bom Bom. As roças Sundy e Belo Monte permitem-lhe uma verdadeira viagem no tempo, com as suas linhas coloniais. Na cidade, as pensões Beira Mar ou Apresentação são uma imersão na cultura da ilha. Há ainda o Makaira Lodge, na praia Campanha, que lhe permite dormir praticamente dentro de água

> PARA COMER

Para lá dos restaurantes dos hotéis, onde há várias opções mais ou menos locais, vale a pena passar no restaurante Mira Mar, no centro de Santo António. A D. Judite, além de ser uma simpatia, cozinha maravilhosamente. Na dúvida, peça o polvo. E o picante caseiro

> PARA NADAR

As praias do Príncipe têm todas um ar absolutamente apetecível e permitem, por norma, mergulhos tranquilos. A praia Banana e a praia Boi entram, no entanto, na lista das mais bonitas da ilha. As águas estão sempre a uma agradável temperatura de cerca de 26°C e é só preciso ter cuidado com algumas rochas que aparecem “inesperadamente”

> PARA CONHECER

Visitar as roças mais ou menos abandonadas e interagir com os seus habitantes é obrigatório. Vão receber-vos de braços abertos e sorriso na cara, enquanto lavam roupa, dão banho aos miúdos ou preparam o almoço. Acompanhar a desova das tartarugas ou fazer snorkeling são outros *must do*



Produção e sustentabilidade

Na roça Paciência o cacau voltou aos secadores e os sabonetes naturais enchem prateleiras. No Sundy Lodge, mar e floresta coexistem em perfeita sintonia

Uns quilómetros ao lado, a roça Porto Real terá sido recentemente concedida a um empresário francês – cujo nome ninguém parece saber. Facto é que já há secadores novos construídos, prontos para receber cacau, e terrenos que voltaram a ser cuidados porque ele se terá comprometido a comprar, a preço justo, os quilos de cacau que foram sendo desperdiçados nos últimos anos, pois os produtores gastavam mais dinheiro a tratar das plantações do que o que conseguiam ganhar, explica-nos o nosso guia, Inácio. Aos 30 anos, é um dos 160 funcionários que o Sundy Praia Lodge emprega, e um querido conhecido na ilha. Recebem-no com sorrisos e conversa alegre, mesmo quando tem de adotar um tom de voz mais duro para admoestar as crianças que teimam em pedir doces sempre que veem turistas. “Não vos ensinaram na escola que não se pede doces? Podem pedir o quê? Lápis, cadernos, livros... Não

podem pedir doces! Já sabem!”, atira, enquanto fecha a janela do carro. É aqui, na roça Porto Real, que funciona também a Cooperativa de Valorização de Resíduos do Príncipe, onde mulheres transformam em joias garrafas de vidro e em composto o lixo orgânico que recolhem pela ilha. Um projeto criado pela portuguesa Estrela Matilde, apoiado pelo Príncipe Trust e que pretende empoderar mulheres e educar para a sustentabilidade, ao mesmo tempo que permite que mais famílias tenham um rendimento suplementar.

O desemprego é um problema em todo o arquipélago, onde 90% da população tem menos de 25 anos e escasseiam investimentos privados. Não por falta de tentativa, mas porque o retorno é moroso e difícil de garantir. “Imagine que tem de fazer um investimento num hotel. Agora multiplique por três. É mais ou menos isso”, diz em jeito de explicação Lina.



Para Inácio, as contas são ainda mais claras. “O Mark não consegue ganhar, num ano, o que gasta no Sundy Praia num mês. Mas ele gosta da ilha. Põe aqui dinheiro por gosto, não por negócio”, garante.

A finitude do território e as dificuldades de organização das comunidades, após a independência de Portugal, contribuem para este quadro de desemprego e dificuldade de desenvolvimento. “Esta foi a minha casa quando era pequeno”, conta-nos Inácio no momento em que entramos na roça Belo Monte. A sua concessão pertence agora a um empresário holandês, depois de já ter passado por mãos espanholas. O Governo não tem como recuperar os edifícios coloniais e concessioná-los a quem tem possibilidade de os salvar. E isso significa mais do que restaurar edifícios: é preciso também arranjar uma solução para os

As tendas do Sundy Lodge elevam o conceito de glamping a um estratosférico patamar de conforto

seus habitantes, descendentes dos escravos que durante anos fizeram de São Tomé e Príncipe o maior produtor mundial de cacau. Ocupam as antigas sanzalas, muitos deles foram ocupando as casas principais (a chamada “casa do patrão”), os edifícios dos hospitais, os alojamentos dos capatazes. Ter uma roça é dar uma nova vida a estas gentes, maioritariamente dedicadas à agricultura de subsistência. A roça Belo Monte é hoje um boutique hotel que mantém parte do mobiliário original da época da colonização e que emprega vários antigos moradores da roça.

A mesma coisa acontece na roça Sundy, onde foi plantada a primeira planta de cacau de todo o arquipélago, em 1822, e que se tornou parte da História por, em 1919, ter sido aqui comprovada a Teoria Geral da Relatividade de Albert Einstein, por



UM PARAÍSO ESCONDIDO

O Sundy Praia Lodge corre o risco de se tornar um caso sério de amor à primeira vista para quem o visita

Escondido pela densa vegetação tropical que parece tornar-se mais frondosa a cada dia que passa, o Sundy Praia Lodge abriu há cerca de um ano e é, atualmente, a joia da coroa deste Príncipe. Se nunca fez *glamping* – o chamado acampar com *glamour* –, esta é uma boa ideia para começar. O Sundy Praia disponibiliza 15 *villas* de um, dois ou três quartos, com áreas generosas e um agradável terraço. Algumas têm ainda uma piscina particular. O empreendimento segue rigorosas regras de sustentabilidade ambiental – o restaurante e a receção são construídos com recurso a bambu ou a madeira, bem como o mobiliário –, as quais implicam a ausência praticamente total de embalagens de plástico, por exemplo. Aqui, tenta-se que os ingredientes das refeições sejam maioritariamente locais e a iluminação exterior é quase inexistente, de forma a não perturbar o ecossistema. Ao pequeno-almoço, há chá de gengibre, leite de coco, café de São Tomé, granola do Príncipe, fruta a perder de vista, pão caseiro, bolos tradicionais... enfim, uma perdição

gastronómica. Aos comandos da cozinha do restaurante está o chefe italiano Angelo Rosso, que tenta dar aos sabores do Príncipe um toque de sofisticação. Experimentámos um menu em que o cacau da ilha era o tema comum a todos os pratos e, mesmo sendo bem confeccionados, não ficámos particularmente apaixonados por qualquer um deles. A piscina de beiral infinito, mesmo à beira do areal, conta com um deque, também em madeira, e confortáveis espreguiçadeiras. E mesmo que vá com pretensões de não se encantar, desengane-se. Aqui só se ouve o marulhar das águas e o zumbido dos insetos que, de vez em quando, tentam a sua sorte junto de turistas mais incautos que tenham esquecido o repelente. E quando olhar para a carta do bar da piscina vai perceber que, apesar daquele pequeno-almoço absolutamente exagerado, consegue continuar com fome. A simpatia e diligência do *staff* vai impeli-lo a pedir mais coisas do que aquelas de que realmente necessita, e, portanto, para fazer a digestão, dê um pas-

seio pela praia Sundy – deverá estar quase deserta – e mergulhe sem medo nas águas límpidas e quentes. Se preferir, sente-se num dos baloiços de verga a ler um livro ou a fazer uma sesta à sombra das enormes árvores que ladeiam a praia. O lodge disponibiliza também pranchas de padel para os amantes do desporto. Enquanto estiver na praia, é possível que ao longe veja várias embarcações de pescadores que transformam qualquer pôr do Sol num verdadeiro quadro impressionista. E se, à chegada à ilha, lamentámos não ter optado por um alojamento mais perto da cidade, para podermos sentir a vibração de um povo que exala alegria, bastaram uma ou duas horas para ficarmos completamente rendidos ao charme deste lugar, onde o silêncio convida ao descanso e à observação pura e simples. O grande desafio foi escolher o espaço mais simpático para nos dedicarmos à árdua tarefa de aproveitar o que o Príncipe tem de melhor para nos oferecer: a ausência gritante de stresse, de correrias e de preocupações (tantas vezes) absolutamente desnecessárias.

Sir Arthur Eddington. Atualmente tem 12 quartos, divididos entre a Casa Colonial e a Casa da Plantação, mas os planos de expansão já estão em marcha. As antigas sanzalas vão ser transformadas em quartos, e os atuais habitantes ganharam casas novas a cerca de um quilómetro. Quase todos trabalham na roça Sundy, o que significa que continuarão nas imediações, mas há quem diga que o mais divertido e carismático deste espaço poderá perder-se: as dezenas de crianças que todos os dias brincam no pátio principal e que acolhem turistas, levando-os pela mão, pedindo fotografias e contando histórias, vão, provavelmente, passar a brincar mais perto das novas moradias.

ILHA DE SEGREDOS

Encontrar pessoas no Príncipe não é tarefa fácil. Dividem-se entre a cidade de Santo António, a mais pequena capital do mundo, e as comunidades que cresceram junto às roças. As praias, de águas límpidas e quentes, estão praticamente desertas, estejam ou não concessionadas a unidades hoteleiras. Os caminhos fazem-se quase sem encontrar pessoas – mas as que se encontram são tão afáveis que temos vontade de ficar a conversar com elas o resto do pouco tempo que nos sobra. É esta a maior riqueza da ilha com a qual é difícil não nos encantarmos: as pessoas. Destino seguro e tropical, uma mistura de África e Brasil, que só se torna incómodo porque é impossível deixar para trás as memórias dos tempos coloniais portugueses, ainda tão marcados na pele daquela gente. O melhor tributo que podemos fazer-lhe é, por isso mesmo, continuar a visitá-la. Deliciarmo-nos com o café acabado de preparar e cuja plantaçoão conseguimos ver da janela, degustar cacau fresco intercalado com mangum (uma espécie de planta-rebuçado), experimentar dezenas de tipos de fruta a cada pequeno-almoço. Perdermo-nos (mas de preferência acompanhados) por entre a densa vegetação, beber vinho de palma, comer peixe acabado de pescar e banana-pão, e deixarmos para trás o relógio. É que, aqui, o que realmente faz diferença é ter tempo e disponibilidade para absorver toda a calma de uma ilha que, felizmente, deverá continuar protegida da chegada de turistas em magote. **E**